

RIVERA ANDÍA, Juan Javier (ed). 2018.

Cañaris. Etnografías y documentos
de la sierra norte del Perú

Buenos Aires: Ethnographica, 384 p.

Adriana Paola Paredes Peñafiel^a

Este livro é uma compilação do antropólogo Juan Javier Rivera Andía, autor conhecido por suas pesquisas no vale alto de Chancay, vertente ocidental dos Andes centrais do Peru. A obra versa sobre o grupo quéchuafalante da região andina Lambayeque, norte do Peru. Nesta obra estão reunidos documentos escritos por aqueles que foram protagonistas dos processos de formalização da propriedade coletiva da terra e da revalorização das suas manifestações culturais. Na apresentação dessas “narrações outras” (p. 18), Rivera Andía assume uma posição crítica ao horizontalizar essas vozes com os trabalhos etnográficos de acadêmicos que, por sua vez, optaram por pesquisar fora da predileta região sul andina. Essas insurgências, como bem explicitado na Introdução, permitem compreender “o mundo indígena dos Andes contemporâneos” (p. 20).

O livro está dividido em duas partes. Dentro desta primeira parte, inicia-se com o manuscrito de José Natividad Huamán Bernilla.

^a Professora da Universidade Federal do Rio Grande. Doutora em Desenvolvimento Rural (UFRGS). Email: adrianapenafiel@furg.br.

No seu caderno é concedida especial atenção às particularidades dos ritos das festas religiosas, de *Reyes* a Natal, dando destaque ao chefe de família, responsável por organizar a festa: o *mayordomo*. Na sequência, aparecem os escritos do caderno de Pedro Carlos Manayay. É notável a ênfase dada, dentro da conjuntura política prévia à Reforma Agrária, ao papel escrito, como as certidões de nascimento para concretizar o direito à propriedade. Posteriormente, contase com o caderno de cantos religiosos em espanhol e quéchuá de autoria de Florentino Gaspar. É interessante revisar a oração “*Santiguación para todo*” (p. 127), pelo qual se expõe o pedido de proteção para os humanos, a terra e os animais contra as doenças provocadas pela potência das montanhas, das pedras e das lagoas.

Entre as publicações de circulação local, a primeira corresponde a um número publicado pela revista trimestral Pachay (Minha Terra), do Instituto Andino de Estudos Culturais (IAEC). O destaque é o histórico sobre o festival folclórico Inkawasi Takin, com as suas danças e bailes, do qual participam alunos das escolas, docentes e pessoas das comunidades, que expressam a sua arte diante de um júri experiente e muito criterioso.

A edição da revista Voz Comunal, da comunidade camponesa San Pablo Incahuasi, nasce a partir de uma reflexão sobre a importância da valorização das danças como manifestações culturais que se alimentam das influências pré-hispânica e hispânica, sem chegar a um sincretismo cultural, como tem ocorrido em outros aspectos da vida da comunidade como o social, o político e o econômico.

A próxima publicação é de Joaquín Huamán Riza, quem expõe uma preocupação sobre a arte do povoado de San Juan Bautista de Cañarís afirmando que suas festas de padroeiros estão se tornando uma “cópia do urbano-litoral moderno” (p. 48), o que prejudica os bons costumes dos membros da comunidade cañareense. Finalmente, culmina-se esta primeira parte da coletânea com os escritos de Hipólito Cajo Leonardo e de Víctor Manayay Bernilla. O primeiro explora a linguística do quéchuá de Incahuasi, com a apresentação de um vo-

cabulário revisado de palavras em espanhol traduzidas ao quéchua. O segundo escrito compreende uma publicação onde constam os nomes dos chefes de família responsáveis por cada festa religiosa.

Na segunda parte da coletânea constam as etnografias sobre Cañaris e Incahuasi escritas por pesquisadores de vários lugares do litoral peruano, do hemisfério norte e da serra de Lambayeque. Inicia-se esta seção com a pesquisa de Julio César Fernández Alvarado. Neste documento, o autor chama a atenção para a relação entre as pedras, os homens Cañaris e as montanhas que ajuda a compreender a cosmovisão do mundo Cañaris. As pedras aparecem como separações entre o mundo dos *gentiles* (espíritos ancestrais), que estão sepultados debaixo da terra, e as pessoas dos tempos de hoje. No caso da Festa de San Juan Bautista de la Agüita, o autor lembra que o protagonista é abençoado em uma lagoa artificial, destacando que as lagoas, assim como as cavernas, são consideradas como portas que conectam ao submundo e que o Santo deve reconhecer o seu poder.

A seguir, apresenta-se o estudo de Alfredo Leandro Carrasco Lucero, que, entre suas descrições, chama a atenção para a versão do Achkay, associada ao tempo de antes. Esta versão focaliza em uma anciã antropófaga e como algumas das suas vítimas são auxiliadas por animais para não serem engolidos por ela. Os relatos provocam reflexões sobre as diferenças entre a humanidade contemporânea e a humanidade passada, aquela que comia carne crua, e levantam questões sobre o significado do coração salvo de uma menina vítima de Achkay.

Na publicação seguinte, de María Bernilla Pereyra, Aurora Santiago Bernilla e Juan Javier Andía, são apresentadas alterações ao mito de Achkay, onde aparecem novos personagens, como os *tullidos* (mancos, aleijados e cegos), aliados da *gentila* Achkay, e a personagem Pachakamaq, que constrói uma armadilha para os comedores de pessoas e os enterra após a provocação de um *huayco* (deslizamento de terra).

Após, temos a etnografia de Gherson Eduardo Linares Peña, na qual, além do mito de Achkay com certas variantes em relação as

anteriormente apresentadas, aparece o relato do Viúvo e o Lalucho. Neste relato, uma pessoa casou-se com uma mulher-estrela que posteriormente termina fugindo para o seu mundo. O viúvo, ao entrar no mundo das estrelas em busca de sua esposa, rompe com certos protocolos alimentares, abusando dos alimentos, e ao ser expulso torna-se uma árvore cuja lenha torna muito difícil fazer fogo para a cocção de alimentos.

Na seqüência, em inglês, Marieka Sax descreve o rito de enforcamento do diabo na Semana Santa no povoado de Cañaris. Enforcar a entidade consiste em um rito para proteger toda a comunidade da malevolência e do infortúnio, principalmente na semana quando o diabo, diante da ausência de Cristo, perambula livremente.

Tatiana Gossuin nos relata sobre o ‘susto’ da água na serra de Lambayeque. Este documento está escrito em francês e descreve o ‘susto’ da água como um estado de choque após um encontro com uma entidade que reside na fonte de água, onde a sombra da vítima, sua alma, é roubada pelos maus espíritos, demônios ou pelos antigos *gentiles*.

Novamente conta-se com um estudo de Alfredo Leandro Carrasco Lucero que classifica os instrumentos de Incahuasi por origem. Entre os bailes e as danças, o autor destaca, como outros autores, a Danza ao expor uma descrição muito detalhada sobre os seus movimentos e elementos.

A seguir, Julio César Sevilla Exebio apresenta narrações míticas que relacionam certas linhagens de Incahuasi com os animais. E, finalmente, conta-se com o último estudo de Alfredo Leandro Carrasco Lucero, que se refere aos esforços realizados ano a ano, para resgatar, revalorizar e recriar a cultura autóctona de Incahuasi. Nesse contexto, emerge o Festival Folclórico Incahuasi Takin, sendo *Takin* uma dança típica de Incahuasi, na qual se dança e se canta.

A coletânea de Juan Javier Rivera Andía contribui para os estudos antropológicos sobre o norte andino do Peru ao tornar visíveis reflexões dos próprios líderes comunais e professores bilíngues, que

refletem e escrevem a partir de sua experiência com a comunidade para reinventar um projeto cultural que não vem de agentes externos, mas daquilo que eles querem venerar, sentir, lembrar, respeitar e até omitir. Dessa forma resistem ao efeito despolitizante provocado por entidades externas que propõe uma única história, em contraposição a uma forma de conhecimento local no qual o mundo é desenhado por eles mesmos.